



LIBERDADE

ANO 14
Nº 122
JAN-FEV/2004

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ
farj@riseup.net Cx. Postal 14.576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Reuniões do CELIP todas as terças, 19h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1(pátio) - Centro - Rio/RJ
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 16h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel - 9397-1941

Apesar de Lula, em favor da Luta... triunfa a ANISTIA!!!

Os trabalhadores da Petrobrás podem comemorar mais uma vitória conquistada na luta. No mês de fevereiro, listas divulgadas através do Diário Oficial trouxeram os nomes de companheiros demitidos, desde 1994, por participação em greves e movimentos reivindicatórios. Estas listas, que passaram pela comissão interministerial criada para dialogar com a Federação Única dos Petroleiros e sindicatos petroleiros, traduzem na prática o resultado concreto de uma campanha que vinha, no decorrer dos últimos anos, crescendo e ganhando legitimidade ao reivindicar a reintegração dos trabalhadores demitidos e perseguidos.

Tal movimento possuía razão incontestável e apresentava um vigor poucas vezes assistido em organizações dessa natureza. Independente de siglas partidárias, muitas vezes apesar delas, o movimento pela ANISTIA cresceu e ganhou notoriedade nas bases petroleiras e em atos promovidos pela categoria em todo o Brasil. Assim, pela importância desta organização, acreditamos ser fundamental uma pequena retrospectiva do vitorioso movimento da ANISTIA e da necessidade de sua continuidade.

Para não recuarmos em demasia no tempo, falaremos sobre os eventos acontecidos apenas na última década. Neste período uma grande quantidade de trabalhadores foi punida ou demitida pelos governos Collor e FHC. Na Petrobrás foram mais de 11.000 punidos. Com a chegada de Lula a presidência da República e de José Eduardo Dutra à presidência da Petrobrás, os petroleiros, a despeito das previsões otimistas dos social-democratas e militantes sinceramente socialistas, viram as coisas ainda piores. Os trabalhos do Comitê dos Punidos Políticos da Petrobrás, em Brasília, sustentado pelo Fundo de Greve do Sindipetro AL/SE, foram ainda mais prejudicados pela entrada em cena do Partido dos Trabalhadores. A lei de ANISTIA, que tinha autoria do atual presidente da Petrobrás, perdeu seu titular que, uma vez tomada à posse do cargo, tornou-se insensível ao seu próprio projeto.

Assim, a chegada de Lula ao poder atrasou a ANISTIA dos petroleiros demitidos em mais de um ano. O PT, que deveria adiantar o expediente político que entravava a aplicação da ANISTIA, muito ao contrário, deslocou o parlamentar responsável pelo projeto para tornar, este, seu maior obstrutor. Ironia do destino, ou simples consequência da estratégia dos partidos de esquerda para chegar ao poder?

Vejamos:

Em 1994, foi imposta através da greve uma ANISTIA ao governo Itamar e, como consequência dessa ação, muitos demitidos em anos anteriores retornaram a empresa, com alguns direitos prejudicados. No mesmo ano, de 1994, e em 1995, duas outras greves ocasionariam mais demissões e mais "listas negras", retirando de seus postos de trabalho profissionais capazes e conscientes; situação que promoveu uma grande desmobilização no meio petroleiro e explicitou, ainda mais, o grau de burocratização pelo qual vinha passando a Central Única dos Trabalhadores. Durante os 10 anos que nos separam destas demissões, os membros do movimento pela ANISTIA foram incansáveis nas suas manifestações, negociações e manutenção de relações com as bases. Tal atitude foi a grande responsável pelo sucesso obtido recentemente com o retorno dos companheiros de Minas Gerais e Bahia, da greve de 1994, e, após 9 anos, dos demitidos da greve de 1995.

Acreditam os anarquistas que a luta pela ANISTIA e seus resultados concretos, frutos do empenho e combatividade da categoria petroleira, são a expressão nítida da possibilidade de se alcançar resultados positivos no caminho da Revolução Social, prescindindo de partidos políticos, lideranças autoritárias e métodos sindicais burocráticos. A participação dos anarquistas, em particular nos últimos dois anos, organizando acampamentos e atuando nas várias iniciativas do movimento da ANISTIA, foi coroada de êxito e comprovou, a partir dos resultados práticos, a eficiência da Ação Direta no movimento operário. Sem intermediários e buscando sempre as alternativas mais radicais, os libertários, em colaboração com os demais companheiros de luta, provaram que o futuro do movimento operário revolucionário depende única e exclusivamente da autonomia deste em relação a governos, patrões e vanguardas pseudo-iluminadas.

Saúde e Anarquia!!!

A FARJ agradece o gesto de solidariedade dos companheiros e grupos de Portugal: Jorge Colaço, Manuel Baptista e do coletivo de *A Batalha*; da Espanha: Pascual González, Mariangeles, Hortência, Jesus, a CNT, a Fundação Anselmo Lorenzo e o grupo *Tierra y Libertad* e da França: a CNT da Rua Vignoles, em especial a Frank Mintz, pelo apoio financeiro e de propaganda dado à nossa organização em seus boletins e revistas.

**“Não percam tempo solicitando que outros nos cedam aquilo
que nós próprios podemos obter”**

Francisco Ferrer y Guardia

Até sempre Abílio Gonçalves

Carta àqueles que permanecem na luta

Caros companheiros,

Os nossos velhos estão partindo...

O companheiro anarco-sindicalista Abílio Gonçalves faleceu hoje, madrugada do dia 20 de janeiro de 2004, em sua casa, no bairro lisboeta de Loures. O nosso Abílio Gonçalves, que resistiu ao período ditatorial de Salazar; aos 11 anos no campo de prisioneiros do Tarrafal e a diversos dissabores em sua vida pessoal, quase todos derivados de sua opção ideológica, não logrou, entretanto, ultrapassar as limitações biológicas de seus 92 anos de idade.

A vida de Abílio pode ser entendida como um exemplo pedagógico de toda uma geração de militantes. Preso no 18 de janeiro de 1934, em uma tentativa de levantamento contra o regime vigente em Portugal, com uma mala cheia de armas e explosivos, o nosso pai anarquista foi torturado e enviado para Cabo Verde, inaugurando assim, com alguns outros, o campo do Tarrafal.

No seu retorno, após o fim da Segunda Guerra, encontrou não só o movimento anarquista totalmente esfacelado, como também, a sua própria existência pessoal. O regime, como metáfora da conjuntura daquele tempo, havia engolido, além dos anos de sua vida, o seu núcleo familiar. Sozinho, sem muitas perspectivas, Abílio ganhou o mundo e sobreviveu a custa de muito trabalho e persistência.

Após o 25 de abril de 1974, com a "redemocratização", voltou a colaborar com as ações orgânicas do movimento anarquista em Portugal. Coerente com seu passado, e observando o aprendizado da velha escola do sindicalismo, não cansou de defender a necessidade da organização nos meios libertários.

Nos últimos tempos, Abílio freqüentava a sede do jornal sindicalista *A Batalha* e as reuniões de grupos de afinidade. E foi nesse contexto que eu conheci o velho militante.

Tendo estado em Portugal entre 1998 e 1999, freqüentei sua casa, privei de sua companhia e lhe fiz algumas entrevistas, publicada, uma delas, no *Libera* (vide "Memórias do Tarrafal", publicado no *Libera* # 95, Jul-Ago/1999, págs. 2 e 3). Naquele período, já com alguns problemas de saúde, Abílio não cansava de asseverar sobre as necessidades de organização no movimento anarquista.

E foi, em conformidade com esse espírito, que se deu o meu último encontro com o nosso querido companheiro. Após tê-lo

visitado em sua penúltima internação, fui ainda ter com ele quando da sua última entrada no hospital Pulido Valente, no bairro do Lumiar, em Lisboa. Nessa ocasião, tendo o corpo atado aos "modernos aparelhos" da medicina, e com a voz afetada pelo longo período de internação, Abílio não descuidou de sua tarefa militante e, após dialogar comigo, na condição de amigo, por um breve instante, ensinou uma prédica engajada sempre ressaltando os benefícios e a necessidade da organização. Parecia, e isso me chamou a atenção, que ao expor suas convicções, todos os indícios de cansaço e convalescença abandonavam sua voz. Seu olhar, que até então parecia opaco e fugidio, brilhava com a mesma intensidade do seu discurso. Foi impressionante ver aquele corpo frágil, como

que tonificado pelas idéias, ganhar viço e mesmo parecer suficientemente forte para retornar à luta cotidiana. Tive certo receio de que tal emoção pudesse debilitar, ainda mais, o seu frágil quadro cardíaco.

Pedi-lhe que não se cansasse com a longa prosa, mas ele me sorria, discretamente, e retomava a marcha do discurso. Senti, muito claramente, que embora estivéssemos apenas nós dois, as palavras não eram dirigidas apenas a mim. Não era um colóquio

particular, ainda que nossa amizade pudesse indicar tal situação. Abílio falava, como provavelmente ouvira em outros tempos, para uma assistência bem mais ampla que aquela. Era uma mensagem dirigida a outra geração, era a passagem, generosa e sincera de uma vivência militante que encontrava em mim a possibilidade de uma transposição à sua própria existência biológica.

Dessa forma, percebi que ele dirigia-se também, ou principalmente, aos companheiros da FARJ. Falava para todos que, na impossibilidade da presença, estariam representados por um "delegado" que desempenhava um papel muito além do pretendido ou ambicionado. Aquela visita ao amigo hospitalizado transformava-se assim em algo muito mais amplo. Abílio não abandonava o proselitismo da causa e nem mesmo fazia concessões ao seu estado de saúde...

Acho que por uma coincidência, para não apelar para explicações místicas, eu, que vim para Portugal estudar as relações de afinidade entre grupos luso-brasileiros no movimento anarquista na alvorada do século passado, através da figura de Neno Vasco, fui o último a conversar de assuntos militantes com o nosso Abílio Gonçalves. Os fatos em muito colaboravam para o meu entendimento e percepção da relevância de muitos postulados verificados nas biografias de velhos militantes.

Assim, após o término do horário de visitas, despedimo-nos no hospital e com as tradicionais saudações ao anarquismo e internacionalismo, assistidas com certa indiferença pelos demais ocupantes dos leitos da enfermaria, eu me retirei pensando naqueles momentos impressionantes. Ainda, no corredor, me detive para tomar nota de certas coisas que o velho companheiro havia me dito e que me causaram imensa satisfação.

Até sempre companheiro Abílio.

João Madeira (Rio de Janeiro/RJ)



Abílio Gonçalves e Joaquina Dorado, combatente veterana da CNT/Juventudes Libertárias na Espanha (1936-1939)

**Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 *Liberas* (R\$ 4,00).**

**O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro
(bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.**

Tiragem: 2.000 exemplares.

**Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
da FARJ**

Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

A Neurose “Revisionista”

Segundo o semiólogo anarquista Roland Barthes, ao se referir a certas peculiaridades da linguagem: “Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. Dessa forma Barthes tentava chamar a atenção para um fenômeno que, longe de ser invulgar, governa efetivamente muito do que se diz nos âmbitos público e privado. A carga de significação, as vezes involuntária, em determinados termos e conceitos pode ser analisada também a partir deste prisma sugerido pelo semiólogo.

Tal metodologia pode ser aplicada também ao vocabulário político das “esquerdas”, e certamente encontraremos nele diversas incongruências entre o que se quer dizer e o que realmente se diz. Entretanto, para o melhor entendimento das palavras e o que, com elas, realmente se pretende comunicar é um enorme desafio.

Para a elucidação de tal dificuldade podemos escolher o termo, infelizmente cada vez mais empregado nos meios “libertários”, de “revisionismo”. E, para tal tarefa, iremos intentar uma pequena genealogia histórica da sua origem.

O rótulo de “revisionista”, no seu sentido “positivado”, poderia ser atribuído a todo o teórico que, a partir de 1883, tentou interpretar ou explicar os escritos de Marx, à luz de um determinado contexto histórico e até mesmo geográfico. Seria justo dizer que, nesse caso, se encontram figuras como Rosa de Luxemburgo, Lenin, Stalin, Trotsky e o próprio Engels. Assim, ser revisionista era apenas possuir uma leitura singular ou “atualizada” dos escritos do “mestre” Marx.

Posteriormente, em particular após as disputas internas na social democracia alemã, a partir de 1890, na qual estiveram envolvidos Eduard Bernstein e Rosa de Luxemburgo, a idéia de “revisionismo” passou “pejorativamente” a ser utilizada como sinônimo de “reforma”. A partir de 1914, mais especificamente, seria atribuída a pensadores e políticos que, mesmo adotando premissas do marxismo, duvidavam das previsões de Marx, em relação às crises do capitalismo. Nesse momento, e isso se acentua após o triunfo bolchevista na Rússia, em 1921, a canonização do pensamento de Marx, garante para o termo lugar de suma importância no vocabulário político comunista.

Após 1945, com o triunfo do stalinismo sobre o nazismo, os partidos comunistas passaram, sob forma de anátema, a utilizar o rótulo “revisionista” para todo e qualquer PC não inteiramente submisso a Moscou. Nesse contexto, o termo passou a aparecer ainda mais sistematicamente nos relatórios e panfletos da ortodoxia stalinista. Unido por uma lógica perversa a outros termos, o “revisionismo” aparecia sempre dentro de um universo semântico associado a acusações, calúnias e difamação. Muitos expurgos e perseguições foram legitimados a partir da simples associação de pessoas, livros ou discursos ao referido termo. Tempos terríveis aqueles...

O maio de 1968, na sua expressão libertária viria exumar grande parte desses cadáveres conceituais que, segundo os estudantes, não tinham rigorosamente nenhuma relação com a

Revolução Social de fato. Muito do vigor anarquista seria reconquistado nessa época, o próprio historiador marxista Eric Hobsbawm reconheceria, no seu livro *Era dos Extremos*, que, no maio de 68, encontrava-se verdadeiramente o espírito de Bakunin. As transformações desse período traziam também a renovação do vocabulário político da “esquerda”. Até alguns marxistas com o mínimo de dignidade, com J. P. Sartre, perceberam o equívoco de suas posições e transigiram. Dessa forma, apesar de algumas limitações, o movimento de 68 logrou a reconstituição de um novo universo vocabular no qual não existia mais lugar para o famigerado “revisionismo”.

Após essa grande transformação operada não apenas no plano político como também no psicológico, parecia que os novos ventos tinham varrido de vez a espessa e negra nuvem que cobria as idéias sempre caras aos socialistas libertários, desde

os primeiros tempos das lutas pela revolução. Parecia ridícula, ao menos para os sinceros combatentes pela liberdade, a possibilidade de uma reabilitação de tão decrépitos termos, associados historicamente, aos inimigos da causa libertária. Termos que haviam servido a instauração de ditaduras “racionalmente” calcadas na “verdade” do socialismo científico.

Mas o “Ovo da Serpente” como nefasta alegoria está novamente entre nós. Para a sua incubação, ganhou o calor dos discursos mais “radicais” e pretensamente revolucionários. Das

línguas, muitas delas academicamente treinadas, apesar da tentativa de ocultação do fato, brota a peçonha que envenena e cria a cisão interna. Como diria Brecht, ao referir-se ao nazismo, “a besta ainda tem suas entranhas férteis”. Desaparecendo com cartazes de seus “inimigos internos”, escrevendo calúnias nas propagandas de seus “desafetos”, fazendo “incursões punitivas” em eventos dos outros libertários, destilando veneno em grupos ou coletivos estes filhos de Torquemada trazem para o campo anarquista uma prática totalmente estranha à nossa cultura política.

Profética foi a afirmação do companheiro magonista, Raul Gatica, no Fórum Anarquista de Porto Alegre, em 2003. No âmbito da organização de grupos autônomos, promovido com muito trabalho pela FAG, Gatica, com a calma e serenidade de quem várias vezes enfrentou a morte pela causa magonista no México, diria dos termos utilizados para a versão prévia da carta final do encontro: “Ela está muito stalinista. Precisamos de um vocabulário político nosso.” Tal declaração que dividiu a plenária, desnudava com exemplar simplicidade o processo que hoje se encontra acelerado.

Nesse momento, com as enormes dificuldades que temos para a nossa organização e tarefas, não menos complexas, ainda temos que lidar com o retorno do velho marxismo que para existir precisa negar e, para agir, precisa perseguir. O Ano Zero do Khmer Vermelho, instituído para condenar o que vinha antes e conferir glória aos novos adeptos, parece ter sinceros seguidores no movimento tupiniquim. E para isso, dispõem de uma “nova” fórmula, a saber, identificar no interior do movimento anarquista os “revisionistas”.



Notícias Libertárias

Centenário da Universidade Popular: A *Universidade Popular de Ensino Livre* foi uma iniciativa de vários militantes anarquistas do começo do século XX. Criada e extinta no ano de 1904, esta Universidade tinha o propósito de oferecer instrução superior e educação social a associações de classe e a proletariado em geral da cidade do Rio de Janeiro. A Universidade chegou a funcionar na sede do *Centro das Classes Operárias* (Rua do Lavradio) e no *Centro Internacional dos Pintores* (Rua da Constituição, 47). Participaram de sua construção diversas pessoas do meio científico e literário da época, fazendo parte do conselho de administração ou apenas apresentando palestras, tal como: Elísio de Carvalho, Fábio Luz, Rocha Pombo, Pereira da Silva, Manuel Curvello, entre outros. Resgatar a memória da Universidade Popular faz parte do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudos do Anarquismo (GEA/NEC-UFF), que estará realizando no dia 4 de maio, às 18:00h, no Auditório do Bloco O (ICHF-UFF, Campus Gragoatá, Niterói), a palestra "A Universidade Popular – 100 anos", com a participação de dois compas da FARJ e um professor da UFF.

Em Belém: Recebemos o boletim do *Centro de Cultura Libertária João Plácido de Albuquerque* (CCL), espaço libertário da capital paraense que completou 11 anos em setembro último. Informa o processo de reestruturação do CCL através de seminários de formação/preparação política; o esforço do SINTROV-Belém em editar o *Voz do Trabalhador*, que necessita de auxílio de todos os interessados no anarco-sindicalismo; o reaparecimento da *Juventude Libertária* local, com atuação no meio secundarista e universitário; a inauguração do *Centro de Cultura Libertária Max Ferrer*, na Ilha de Caratateua e a atuação do *Núcleo Pró-Centro de Cultura Libertária do Mosqueiro "Onalício de Araújo Barros – Fusquinha"*, na Ilha do Mosqueiro. Contatos com a caixa Postal 1206; CEP 66017-970; Belém/PA.

Mulheres Livres: Está sendo organizado para os dias 5 a 7 de setembro de 2004, o *I Encontro de Gênero e Anarcofeminismo*, a ser realizado ou na cidade de Campina Grande ou em João Pessoa, na Paraíba. Para receber as circulares do encontro, entrar em contato com o *Coletivo Lua*, Cx. Postal 2501; CEP 60721-970; Fortaleza/CE ou pelo e-mail: coletivolua@hotmail.com.

Músicas libertárias: Os companheiros venezuelanos acabam de editar o CD *Notas de Liberdade*, uma coletânea de 24 canções de trovadores libertários da Argentina, Equador, Espanha, EUA e França. Os pedidos podem ser feitos para ellibertario@nodo50.org e o preço do Cd corresponde a 10 euros.

Calendário Anti-Fascista: A *Solidariedade Internacional Anti-Fascista*, como há muito faz, lançou seu novo

calendário, que pode ser pedido através do endereço: 4, Rue Belfort; 31000 Toulouse; França.

Novos livros anarquistas em língua espanhola: A *Fundação Anselmo Lorenzo* (FAL) lançou novos livros, entre estes "El Cuento Anarquista (1880-1911)", de Lily Litvak, um estudo sobre a literatura libertária no final do século XIX e início do século XX, cujos expoentes na Espanha foram Ricardo Mella, Py y Margall, Federico Urales, Anselmo Lorenzo e Julio Camba. Outros lançamentos foram "Anarquismo y Educación – La propuesta sociopolítica de la pedagogia libertaria", de Francisco Cuevas Noa, e "Memorias de um Libertario. De la Republica al exilio", que trás as memórias do operário mecânico catalão Alfons Martorell Gavalda, que fez do anarquismo sua filosofia de vida. Para solicitar catálogos da FAL, escrever para Paseo Alberto Palacios, 2; Madri 28021; Espanha ou fal@cnt.es. # Também foi lançado "La Barcelona Rebelde – guía de una ciudad silenciada" (Ed. Octaedro, octaedro@octaedro.com), uma proposta muito interessante oposta ao turismo convencional, e que busca levar ao conhecimento locais, monumentos, grupos e pessoas que quebraram a ordem estabelecida naquela cidade, ao longo de todo o processo que redundou na Revolução Espanhola, durante a resistência ao fascismo e após a queda da ditadura franquista. # Lançado o livro "Genealogia de la Revuelta. Argentina: La sociedad en movimiento", de Raúl Zibechi, editado pela Nordan Comunidad (nordan@nordam.com.uy) e Letra Libre (letra_libre@yahoo.com.ar) que aborda as práticas inovadoras de alguns grupos sociais após as explosões sociais do final de 2001. Também sobre a Argentina, saiu "Mas allá del corte de rutas" (editado por *La Rosa Blindada*), de Francisco Ferrara, que analisa as estratégias dos movimentos de trabalhadores desempregados, especialmente do bairro de Solano (Buenos Aires). A partir de entrevistas, Ferrara destaca os traços distintivos do movimento: a vontade de autonomia, a renúncia a tomada do poder, a horizontalidade e a democracia direta.

Congresso da IFA: Será realizado entre os dias 9 e 12 de abril próximo, o *VII Congresso da Internacional de Federações Anarquistas* (IFA), na cidade francesa de Besançon. A FARJ desde já saúda as organizações e indivíduos que irão participar deste importante evento para o anarquismo internacional. O endereço da IFA é crifa@iaf-ifa.org e o site: www.iaf-ifa.org

CLAVE: Será inaugurada no dia 25 de abril a biblioteca do *Coletivo Libertário Ativista Voluntariado de Estudos* (CLAVE), que funcionará aos domingos na Rua das Jangadas, 34; Vila da Penha; Rio/RJ. O CLAVE edita o informativo *Autogestão*, que pode ser adquirido através do e-mail: autogestao@riseup.net.



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LETRALVIRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * COL. DOMINGOS PASSOS. CP 100670. CEP 24001-970. NITERÓI/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * NUELCA. CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA * FCL. CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB * JULI. CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO SUL/RS * MAP/BA. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * FAG. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * FACA. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * CL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * CNA. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * COMLUT. CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP * GRAP. CP 768. CEP 69010-970. MANAUS/AM * CRAP. CP 584. CEP 14801-970. ARARAQUARA/SP * OPÚSCULO LIBERTÁRIO. CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * CCL-FL. CP 88. CEP 44001-970. FEIRA DE SANTANA/BA * MOTIM. CP 77. CEP 29146-970. CARIACICA/ES * RLBS. CP 999. CEP 11010-970. SANTOS/SP * GASA. CP 11. CEP 29390-970. IJUA/ES * CCMA. CP 665. CEP 01059-970. SÃO PAULO/SP * BARRICADA LIBERTÁRIA. CP 5005. CEP 13036-970. CAMPINAS/SP